

TENSÕES NA DITADURA PORTUGUESA EM *PAISAGEM COM MULHER E MAR AO FUNDO* (1982), DE TEOLINDA GERSÃO

TENSIONS IN THE PORTUGUESE DICTATORSHIP IN *PAISAGEM COM MULHER E MAR AO FUNDO* (1982), BY TEOLINDA GERSÃO

Denise Rocha (Ufscar)

RESUMO: Publicado no ano de 1982, oito anos depois do final da ditadura de Antonio Salazar, em Portugal, o romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, de Teolinda Gersão, reflete o estado de tensão permanente na sociedade lusa, nos últimos anos de um regime envolvido em conflitos internos e externos: manifestações de profunda insatisfação com o governo e com a guerra colonial nas colônias portuguesas na África. A protagonista Hortense vive em luto permanente, por causa dos estilhaços fatais lançados em sua família por um governo opressor: a morte do esposo em consequência da perseguição política e a do único filho, vítima da guerra em Angola, bem como o exílio anônimo da irmã. A nora de Hortense, a jovem viúva gestante, não consegue visualizar a vida com um filho órfão, em uma sociedade amordaçada por todo tipo de censura. Desesperada, a matriarca fragilizada encontra uma solução humanizada. Autora de romances, nos quais as mulheres questionam a ordem machista vigente, Teolinda Gersão lançou seu primeiro romance *O silêncio*, em 1981, ano no qual foi agraciada com o Prémio de Ficção Le Pen.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa Contemporânea; Teolinda Gersão; *Paisagem com mulher e mar ao fundo*; mulher; ditadura.

ABSTRACT: Published in 1982, eight years after the end of Antonio Salazar's dictatorship in Portugal, the novel *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, by Teolinda Gersão, reflects the permanent state of tension within Portuguese society, in the last years of the regime involved in internal and external conflicts: public demonstrations of deep dissatisfaction with the government and with colonial wars in Portuguese colonies in Africa. The protagonist Hortense lives in permanent mourning, because of deadly flinders launched against her family by an oppressing government: her husband's death as a consequence of political persecution and her only son's death, victim of the war in Angola; as well as her sister's anonymous exile. Hortense's daughter-in-law, the young pregnant widow cannot visualize life with an orphan child, within a society muzzled by all kinds of censorship. In despair, the frail matriarch finds out a humanized solution. Author of novels, in which women question the prevailing masculine order, Teolinda Gersão published her first novel *O silêncio* in 1981, when she was awarded the Fiction Prize Le Pen.

Keywords: Contemporary Portuguese Literature; Teolinda Gersão; *Paisagem com mulher e mar ao fundo*; woman; dictatorship.

1. Introdução

No ano de 1982 ocorreu a publicação do romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, de autoria de Teolinda Gersão (1941-), que evoca uma das funestas facetas da ditadura de Oliveira Salazar (O. S.): a perseguição a dissidentes, por meio de uma perversa engrenagem de censura, de perseguição, de aprisionamento, com fugas e mortes, que mutilou vidas e almas em dimensões desesperadoras.

Ao retratar o cotidiano de uma família de intelectuais - o arquiteto e professor Horácio, sua esposa, a pintora Hortense, e o filho Pedro - , bem como a vida de solteira dela e de sua irmã Elisa que desapareceu, no Brasil, sem deixar vestígios, a escritora portuguesa deu vozes a inúmeras pessoas, que sucumbiram na ditadura nacional, a qual ecoou na guerra colonial nas colônias de além-mar.

Na epígrafe do romance, Teolinda Gersão esclarece que o mesmo, que tem rastros de algumas narrativas do arquiteto Le Corbusier e das memórias de Raul Brandão, tem matriz coletiva: “O resto do texto também não é meu. De diversos modos foi dito, gritado, sonhado, vivido por muitas pessoas, e por isso o devolvo, apenas um pouco mais organizado debaixo desta capa de papel, a quem o reconheça como coisa sua”. (GERSÃO, 1985, p. 5).

Em *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, a protagonista Hortense se recorda da época de sua infância e adolescência, na qual cada sala de aula de sua escola tinha um quadro de O.S. que era o presidente da república e que velava, segundo ideologia do governo, pela vida da gente portuguesa. Ousada, a filha de um militar de alta patente, apoiador do regime civil, desprezava a atitude do pai e daqueles que veneravam o ditador.

2. O governo ditatorial de Oliveira Salazar (1933-1968)

O advogado e professor de Economia e Finanças da Universidade de Coimbra António de Oliveira Salazar (1889-1970) foi Ministro das Finanças, em Portugal, e em 1929, ano da crise internacional, proferiu o lema “Tudo pela nação, nada contra a nação”, que sinalizou sua postura de nacionalismo de direita que culminou com a criação do *Estado Novo*, após o plebiscito de uma Constituição (1933). O aparato repressivo do governo, que foi apoiado pelas *Forças Armadas* e pela *Legião Portuguesa*, tinha diversos órgãos: a PIDE (*Polícia Interna e de Defesa do Estado*),

criada em 1933, e alterada para PVDE (*Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado*), em 1945; a PSP (Polícia de Segurança Pública); a GNR (Guarda Nacional Republicana, uma unidade de combate às greves) e a Guarda Fiscal. Foi criado um clima de amordaçamento pela Polícia Interna e de Defesa do Estado (PIDE) com grupos de informantes, para interceptação de correspondências e telefonemas, perseguições e encarceramentos no país e no complexo sistema de presídios no exterior: nos Açores, em Caxias, Peniche e Tarrafal. Nos anos 1960, foram acionadas medidas censórias pela *Direcção - Geral dos Espectáculos*, da *Secretaria de Estado de Informação e Turismo* para proibição, apreensão da obra e punição de seus autores.

No início da década de 1960, com a eclosão da guerra colonial em Angola (1961), na Guiné (1963) e em Moçambique (1964), o império colonial luso entra em derrocada. Oliveira Salazar proferiu o lema: "Para Angola, imediatamente e em força", e começou o envio de contingentes do exército português com imensas perdas humanas por causa das forças africanas engajadas em acabar com o jugo colonial: “Motivados ideologicamente, bem treinados, utilizando armamento adequado e excelentes conhecedores da geografia local, em poucos anos lograram libertar vastos territórios e gerar insegurança permanente nas autoridades coloniais.” (SERRANO; WALDMAN, 2007, p. 262).

3. Paisagem com mulher e mar ao fundo (1982): críticas à ditadura de O. S.

Nascida no ano de 1941, Teolinda Gersão vivenciou as profundas transformações do papel social da mulher na sociedade de Portugal, que foram intensificadas nos anos 1960, com o surgimento do movimento feminista e a eclosão de movimentos separatistas nas colônias africanas e as consequentes guerras coloniais. A escritora explicou:

Eu pertença a uma geração em que as grandes mudanças sociais foram feitas pelas mulheres. De facto, o mundo mudou imenso entre a geração da minha mãe e a minha geração. E os homens mudaram porque as mulheres mudaram. O grande interesse em fazer uma mudança social foi interesse das mulheres, que quiseram sair da situação de limitação e de sujeição em que sempre tinham vivido até aí, e foram procurar o mundo do trabalho e outro tipo de realizações [...] E tudo isto trouxe mudanças muito profundas na sociedade. (DIAS, 1999, p. 14 e 15)

A escritora Teolinda Gersão foi agraciada com o prêmio do Pen Clube de Portugal pelo seu primeiro romance, *O silêncio*, publicado no ano de 1981, no qual traçou a biografia de mulheres inseridas na sociedade patriarcal portuguesa e suas lutas pela libertação das amarras machistas. De forma concreta ou alegorizada, Gersão denuncia as distintas matizes adquiridas por um governo que desrespeitava os direitos humanos, em Portugal e nas colônias africanas: o século XIX em *A Casa da Cabeça do Cavalo*; os anos 1920 em *O Cavalo de Sol*; os anos 1950 e 1960, em Lourenço Marques (Moçambique) em *A árvore das palavras*; e os anos 1930 a 1960 em *Paisagem com mulher e mar ao fundo*.

Com fluxo de memórias fragmentadas, o romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo* é uma narrativa não-linear permeada de variadas visões do passado e do futuro vivenciadas por Hortense que foi criada em uma família tradicional, com pai militar e mãe submissa e esposa devotada, com uma irmã sensível, Elisa. A protagonista ousou desde a escola primária a desafiar, primeiro, os professores e o sistema educacional e, depois, o sistema político de O. S., com perdas emocionais e físicas.

3.1. Opressão interna: censura, demissão, prisão e fuga para o exterior

O sistema de amordaçamento de expressões verbais e escritas contra aqueles que debatiam sobre a tirania de O. S., a qual provocava o cerceamento e a violação dos direitos humanos, se torna claro no episódio dos censores, ativos na penumbra da noite, com uma tarefa visceral para a manutenção da ordem em uma sociedade permeada por todo tipo de violência:

À noite os funcionários de O. S. sentavam-se em cadeiras altas, debaixo de lâmpadas acesas, com livros e jornais abertos em cima de mesas ensebadas e um lápis azul em cada mão e começavam a cortar palavras, segundo instruções sempre novas de funcionários. Cortem todas palavras suspeitas, ordenavam. Eles hesitavam, porque tudo lhes parecia suspeito, e não sabiam por onde começar. No início tinham riscado da língua as palavras proibidas, liberdade amor esperança subversão beijo sexo povo, milhares de palavras proibidas, cuja lista publicaram em todos os jornais, afixaram em todos os lugares, à porta das escolas, repartições, igrejas. (GERSÃO, 1985, p. 82)

O aparato da Polícia de Segurança Pública (PSP) juntamente com a *Direcção-Geral dos Espectáculos (Secretaria de Estado de Informação e Turismo)* criaram um clima de terror ao nomear pessoas para punir, com o famigerado lápis azul, textos de dissidentes que contrariavam o governo e viam uma luz no fim do túnel. Os censores

também se tornaram seres tiranizados, envoltos nas teias da ditadura, pois se sentiam inseguros em suas funções e riscavam palavras sem teor político provocador como liberdade, amor, esperança, beijo e sexo. No entanto, apesar das proibições, os escritores continuavam a desafiar a ordem vigente, mesmo colocando a própria vida em risco:

Mas eles ousavam sempre desafiando-os, desesperando-os, saíam exaustos de manhã apagando as lâmpadas, cobertos de suor, e com os lápis gastos, porque não era possível lutar contra eles, lutar contra as palavras, riscá-las, quebrá-las, anulá-las, elas transformavam-se noutras, renasciam sempre, outra vez, em labaredas. (GERSÃO, 1985, p. 82 e 83)

A escrita politizada adquiria certa plasticidade e simbologia, que não podia ser combatida simplesmente com tarjas sensórias que ocultavam todo o significado aparente, pois a mensagem, em prol da liberdade, estava em contínuo processo de elaboração, inclusive imagética, com trocas de palavras, renascendo em chamadas, em luta constante contra o regime que pretendia a todos amordaçar.

Combatentes do regime de opressão, Horácio, esposo devotado de Hortense, e a nora Clara também foram vítimas da fúria dos censores. Escritor de textos jornalísticos e de livros, ele sofria com a não-publicação de sua obra, em Portugal:

[...] os seus projectos eram sempre liminarmente recusados, ou mutilados e tornados irreconhecíveis, os artigos que ele redigia febrilmente não saíam nunca nos jornais, os livros que ela o via escrever à noite, pelos meses fora, paravam nos editores durante anos e acabavam por sair em tradução num país estrangeiro. Onde talvez fizessem pouca falta, disse Horácio quando recebeu o primeiro exemplar de um deles, passando a mão na capa brilhante, *grenat* escura. (GERSÃO, 1985, p. 76)

Em relação ao papel e poder da censura, Horácio tecia profundas reflexões a respeito da engrenagem do sistema e questionava sua legitimidade e critérios para censurar obras de arte plásticas, sonoras e escritas:

mas quem iria decidir o que era válido [...] quem poderia dizer que não serviam de nada os quadros os livros ou a música, avaliar se passavam ou não pela prova de fogo da utilidade e da luta imediata, as palavras podiam ter mais força que as armas e as cidades serem destruídas por ideias, quem podia afirmar que só o espaço exterior era real, se era na cabeça das pessoas que o mundo começava a transformar-se [...]. (GERSÃO, 1985, p. 75).

As arbitrariedades do governo ditatorial se concretizavam na perseguição de pessoas que não compactuavam com o estado calamitoso da gestão de O. S., e eram

presas, violentamente confinadas em desespero, esquecidas pela sociedade, exauridas, fragilizadas em sua própria identidade de cidadãos e de combatentes políticos:

batiam de noite à porta, arrancavam-nos da cama e levavam-nos em carros, algemados, alguns não voltariam nunca, seriam devorados pelo terror, pela solidão e pela sombra, perderiam a força, a memória, esqueceriam quem eram, deixariam apenas um nome, escrito com sangue na parede [...].(GERSÃO, 1985, p. 75)

Alguns insatisfeitos com o governo repressor, outros temendo pela própria vida, muitas pessoas abandonaram Portugal em busca de uma vida mais tranquila, na qual pudessem desfrutar da expressão da liberdade e das idéias, do direito de reunião com dissidentes, enfim, onde conseguissem ter um emprego e um estilo de vida com garantia da preservação dos direitos humanos. Na calada da noite, seres inteligentes, sensíveis à ditadura, engajadas em prol de profundas transformações políticas, precisavam escapar das garras da tirania, em fugas desesperadas, como se fossem criminosos de alta periculosidade, por rotas perigosas, em travessias que as esgotavam física e emocionalmente, e perseguidas e executadas sem dó nem piedade: “Então os homens partiram em segredo durante a noite, galgaram montes a pé, foram abatidos a tiro nas proximidades de fronteiras, rasgaram as mãos em pedras, dormiram ao relento, esconderam-se na terra [...]” (GERSÃO, 1985, p. 68 e 69).

Muitos dos fugitivos, que lograram ultrapassar a linha de demarcação territorial e adentraram em outro espaço geográfico sociocultural, tiveram uma existência permeada por ausências: “[...] ganharam finalmente estradas e comboios, cidades baças de línguas estrangeiras, acumularam-se em quartos sem janelas, viveram clandestinos e cegos como toupeiras, perderam a memória de uma pátria, morreram em emboscadas nas esquinas, com o ventre rasgado por navalhas de ponta e mola. (GERSÃO, 1985, p. 68 e 69). Foram esquecidos em suas existências anônimas no exterior, privados do idioma materno, do aconchego das moradias na terra natal, em situações degradantes: com lastimável existência em cortiços mal iluminados e mal arejados.

Irmã mais nova de Hortense, a tímida Elisa tomou parte nas lutas políticas contra a ditadura, adentrou em um grupo considerado como subversivo pelos donos do poder, saiu distribuindo panfletos contra o regime e foi encarcerada por seis meses. Livre da prisão, mas observada pela polícia política, ela se apaixonou por um companheiro de lutas e fugiu com ele rumo à América do Sul, enviando notícias no começo da aventura treloucada sobre: “[...] uma multidão de coisas como uma corrente

eléctrica passando, sempre sentira facilmente o que Elisa contava, porque ela tinha o dom de transmitir, uma cidade cabia numa carta, uma vida - nomes cheios de eco, como um fruto maduro derretendo na boca, - Mar da Prata, Paraguay [...]”. Em uma rota desesperada, Elisa e seu companheiro entraram no Brasil pelo Rio Grande do Sul, e ela escrevia sobre “paisagens desalinhas, longas estradas vazias, pequenas casas pintadas de azul”, até chegarem em São Paulo, onde mirava “a multidão ondulante, compacta, movediça, passando a todas as horas sobre o Viaduto do Chá, um caos de coros e cheiros andando pelas ruas, comidas pesadas, olorosas, vendidas nas esquinas”. No entanto, Elisa cortara o contato, desaparecendo sem deixar vestígios:

[...] e ninguém mais soubera onde ela estava, em que país, cidade, casa, prisão, barraca, aonde, aonde, contactaram todas as embaixadas e puseram anúncios em todos os jornais, procuraram clandestinamente em meios clandestinos e ninguém soube nunca dizer nada, acontecia, responderam, todos os anos, desapareciam, pessoas na América do Sul, desapareciam simplesmente e ninguém mais as encontrava, - varrida pelo vento, Elisa, perdida, morta [...]. (GERSÃO, 1985, p. 118 e 119)

As duas irmãs tinham personalidades distintas; ao contrário da tranquila Elisa, na adolescência, Hortense sempre foi contra os sistemas: o social pequeno-burguês e o político. Com espírito contestador, ela abandonou o lar para se unir a um homem mais velho, sem casamento tradicional, o arquiteto e professor Horácio. Apesar de sempre ter criticado sua mãe, que se dedicara integralmente ao lar, Hortense fizera o mesmo: vivia para o filho Pedro e para o marido e pintava nas horas vagas. Depois da morte do cônjuge, enfartado pela opressão salazarista, que contribuíra para sua demissão do cargo de docente, a viúva não consegue acabar com o luto e vai se repreendida pelo filho Pedro que vivia com Clara:

[...] mas os outros, os outros, existe o mundo, além de nós, dissera Pedro, e também, Clara, quando Horácio morrera, é preciso não se fechar em si próprio como se fosse a única pessoa a sofrer no mundo e nada mais existisse, porque é em ti mesma que tem de existir o teu próprio centro, a tua relação com o mundo tem de ser directa, sem álibis nem subterfúgios, não podes viver através de ninguém a tua vida, onde existes tu mesma para além das imagens que nos dá de ti, das imagens falsas [...]. (GERSÃO, 1985, p. 40)

A tristeza pelo falecimento do esposo vai aos poucos se dissipando, e Hortense começa a namorar Gil, um antigo preso político, com amarga experiência de dois anos

de cárcere, o qual vai ser seu suporte diante de outra tragédia que quase acabou com a vida dela, pois vitimou seu único filho, sacrificado na guerra ultramarina.

3.2. Opressão externa: Guerra Colonial na África

O sistema político da ditadura salazarista foi estremecido pela eclosão de movimentos separatistas nas colônias de além-mar e, por guerras no início dos anos 1960. Jovens foram convocados para prestar o serviço militar e participar de confrontos armados com as milícias de países africanos, colonizados por Portugal. O jovem Pedro, membro do contingente para atuar como soldado, iria partir de navio e rogou que nem a mãe e nem a esposa gestante fossem se despedir no porto. Hortense, porém, se deslocou até lá:

[...] não me verás, no meio da multidão em que me escondo, olho de longe e não sei qual és, todos iguais, fardas iguais, se virem um soldado levando na mala uma lareira acesa digam-me, porque é esse, muitos subiram já, enchem completamente os salva-vidas, estão de pé, encostados à amurada, num único lado do navio, no lado que irá afastar-se lentamente da terra, a multidão acena, comprimindo-se contra a barreira, agitando braços, ambos os braços com lenços sujos que só em imaginação se vêem brancos [...]. (GERSÃO, 1985, p.47)

Na multidão anônima, a desesperada mãe não pode reconhecer seu filho, o “soldado levando na mala uma lareira acesa”, ternamente por ela assim denominado, pois ele tinha a tarefa, antes exercida pelo pai, de colocar lume na lareira em dias frios. Em casa, ela contemplava um retrato do amado filho: “Uma foto (a última), fardado, em pé, como se fosse a andar, a cabeça voltada para trás. Um pouco desfocada, luz excessiva, talvez. A farda mesclada, às manchas mais escuras, a barba crescida. Rindo”. (GERSÃO, 1985, p. 50). A realidade nua e crua da guerra a alcançou com notícias aterrorizadoras dos campos de batalha:

às quatro horas da tarde, uma carta que ela abrisse, Clara, os outros, as vozes, os gritos, ela sem entender, levaria a vida inteira sem entender, não iria entender nunca, aceitar nunca, seu corpo em estilhaços de granada, as imagens que não dominava e recusava olhar e se voltavam sempre contra ela, para além, para além das quais a vida não continuava, qual é a luz, o sol, a lâmpada que pode iluminá-las, diluem-se num líquido escuro, numa câmara escura e arrastam-na consigo para dentro de uma mar cada vez mais fundo – sair de casa, fugir de casa, fugir das imagens que não aguentava olhar [...]. (GERSÃO, 1985, p. 24)

Pedro caíra em combate, não regressaria jamais e nem conheceria o filho que iria nascer. A brutalidade do regime político, que ao ver o início do fim das suas colônias africanas, enviara jovens portugueses para serem imolados em embates contra guerrilhas locais nas selvas africanas, a atingira como também a inúmeras mães anônimas em Portugal. Aniquilada, Hortense tem visões sobre a morte de seu filho:

e de repente eram balas que atravessavam o seu corpo caído de bruços para a frente, um fio de sangue cada vez mais grosso saía pela gola da farda, por um buraco enorme no peito que ela tapava, gritando, com as mãos, enrodilhada junto do corpo [...]. (GERSÃO, 1985, p. 12)

Revoltada e enlutada, Hortense critica as muitas mães de soldados, que não protestaram contra o governo, e que nada fizeram para boicotar o embarque deles nos navios e a viagem pelo mar, evocando omissões e tragédias, ocorridas há séculos no processo de conquista e colonização ultramarina:

Este ódio ao cais, às despedidas lancinantes, porque não gritar alto, assumir este cais e estas cenas, estão em nossa vida desde há séculos, este cais de desastre, esta amargura, é melhor assumi-lo até o fundo e gritar com os outros de puro desespero, em vez de se iludir de falsa esperança, o que quer que aconteça é culpa minha, sou culpada deste navio e deste cais, porque nós preferimos culpar o destino, como se o destino existisse, e aqui estamos há séculos de pés e mão atados, embarcando, partindo para fora de nós mesmos, no barco da loucura, um povo sem força e sem vontade, apenas embarcando [...]. (GERSÃO, 1985, p. 48)

A perda de Pedro revela ser uma tragédia sem limites para sua esposa Clara que não via perspectiva em sua vida, sem marido e com um nenê órfão para criar, sufocada pelo sistema, pela precoce viuvez e pelo futuro fardo materno:

estou fechada entre paredes, sem saída, sem ar, as paredes avançam contra mim e o tecto desce, cada vez o espaço se torna mais pequeno, encosto-me à parede e respiro como um peixe fora de água, abrindo a boca mas sem alívio algum, só a parede avança, feita de cabeças, de olhos espreitando, de vozes sussurrando no escuro, é mentira, grito, o que quer que digam é mentira, a verdade eu a experimento, com o corpo, carrego meu corpo como um fardo, meu filho como um fardo, são mil vezes maiores que a minha força, - deixarei meu filho num vão da porta, numa escada, embrulhá-lo-ei em trapos e deixá-lo-ei dormindo, abandonado, algures, e a seguir irei deitar-me ao rio. (GERSÃO, 1985, p. 142)

Confusa pela falta de vagas em creche, pela perspectiva das dificuldades de cuidar de uma criança pequena, das noites mal dormidas, do cansaço, do choro, ela pensa em colocar Valium no leite do pequeno. Vacila, recompõe seus pensamentos e

procura seguir adiante com a gravidez. No final da espera pelo nascimento, a depressiva Clara recebe a visita da sogra, mas não consegue se animar, e por não aparecer no dia seguinte, Hortense consegue ajuda de vizinhos para arrambar a porta. No hospital em meio a um estado de desespero total, sem marido e sem filho, Hortense teme pela vida da nora e do netinho que conseguem se salvar. É uma luz no fim do túnel da ditadura salazarista que ela consegue vislumbrar indo ao encontro do recém-nascido:

[...] já vou correndo, a meio da escada, correndo até ao quarto, ao berço, onde tu estás – um pequeno corpo húmido, perfeito, sufocado, abrindo uma passagem, puxado por outras mãos através de uma passagem, experimentando bruscamente o ar e o espaço, o choque da sombra contra a luz. (GERSÃO, 1985, p. 147)

4. Considerações finais

No romance *Paisagem com mulher e o mar ao fundo* (1982), Teolinda Gersão evoca as variadas formas de tensões provocadas na sociedade portuguesa, durante a ditadura de Oliveira Salazar (O. S.) que tiveram dolorosa dimensão coletiva e individual, no país e nas colônias de ultramar.

As constantes violações e cerceamentos dos direitos humanos foram famigeradas tentativas de amordaçar pessoas que se expressavam criticamente contra o governo repressor em formas verbais e escritas, as quais foram censuradas pelos traços proibitivos do “lápiz azul”, entre as quais foram vítimas Horácio, esposo de Hortense, e a nora Clara.

Atingida na forma mais cruel pela ditadura, com o desaparecimento da irmã caçula Elisa, e a morte de entes queridos – o marido, enfartado em consequência da repressão e o filho Pedro, jovem soldado no combate africano -, a protagonista Hortense representa as milhares de viúvas e mães anônimas que sofreram com o regime ditatorial.

Teolinda Gersão presta tributo a elas em uma obra ficcional que retrata a existência dolorosa de pessoas, vitimadas de alguma maneira pelas tensões da ditadura portuguesa, cujo fim Hortense vislumbrava com o retorno dos emigrados e fugitivos, caso as lutas contra a ditadura se intensificassem: “Um povo perdido pelo mundo, reunindo os pedaços dispersos do seu corpo e voltando. Pisando outra vez a terra abandonada e agora sua, finalmente sua, se a luta das suas mãos não afrouxar”. (GERSÃO, 1985, p. 126). A esperança por dias melhores se concretizou para Hortense

com o nascimento de um neto, que simbolizava dias melhores, o começo de um novo ciclo na vida de Hortense e de Clara.

Referências

DIAS, Joaquim Cardoso. Teolinda Gersão: a voz do silêncio - entrevista. *Revista Ensino Magazine*, Lisboa, n. 14, p. 14 e 15, abr. 1999.

GERSÃO, Teolinda. *Paisagem com mulher e mar ao fundo*. 3a. edição. Lisboa: O Jornal, 1985.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. *Memória da África: A temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2007.